

## AMARANTE (Telões)

A igreja de Santo André localiza-se na freguesia de Telões, ao norte da sede do concelho de Amarante (distrito do Porto), de onde dista cerca de 7 km. Tendo como referência a ponte de São Gonçalo, no centro da cidade, seguir pela Rua Teixeira de Pascoais, até à EN15, no sentido de Vila Real. Prosseguir na mesma por cerca de 3 km, voltando à direita para a rua de Salgueirinhos / travessa de Salgueirinhos e novamente à direita, para a rua dos Pocinhos. Percorridas algumas centenas de metros, a rua dos Pocinhos apresenta uma bifurcação. Seguir pela esquerda, através da passagem desnivelada que passa sob a EN210. Está-se na rua Nova da Avelaneira que adiante se une à rua de Santo André (CM1204). Seguir por esta via, entre pequenos carvalhais, campos e vinhedos, até a um povoado que se ergue numa elevação e nela o largo de Santo André, onde se situa a igreja. Do cruzamento da EN15, ao local, são cerca de 3 km.

O enquadramento da igreja de Santo André de Telões é rural e isolado, estando a igreja rodeada de campos agrícolas. A localidade de Santo André de Telões pertenceu à diocese de Braga até 1882, tendo posteriormente transitado para a diocese do Porto.

### *Igreja de Santo André*

A IGREJA DE SANTO ANDRÉ está implantada numa elevação por cima de um vale que, segundo a tradição, terá sido conquistado ao neto de um rei mouro no decurso das campanhas de Afonso III das Astúrias (848-910), as quais culminaram com o estabelecimento da fronteira, entre cristãos e muçulmanos, na linha do Douro.

O mosteiro de Telões é mencionado num diploma pontifício do papa Calisto II, de 1120, relativo aos mosteiros incluídos dentro dos limites da diocese do Porto e

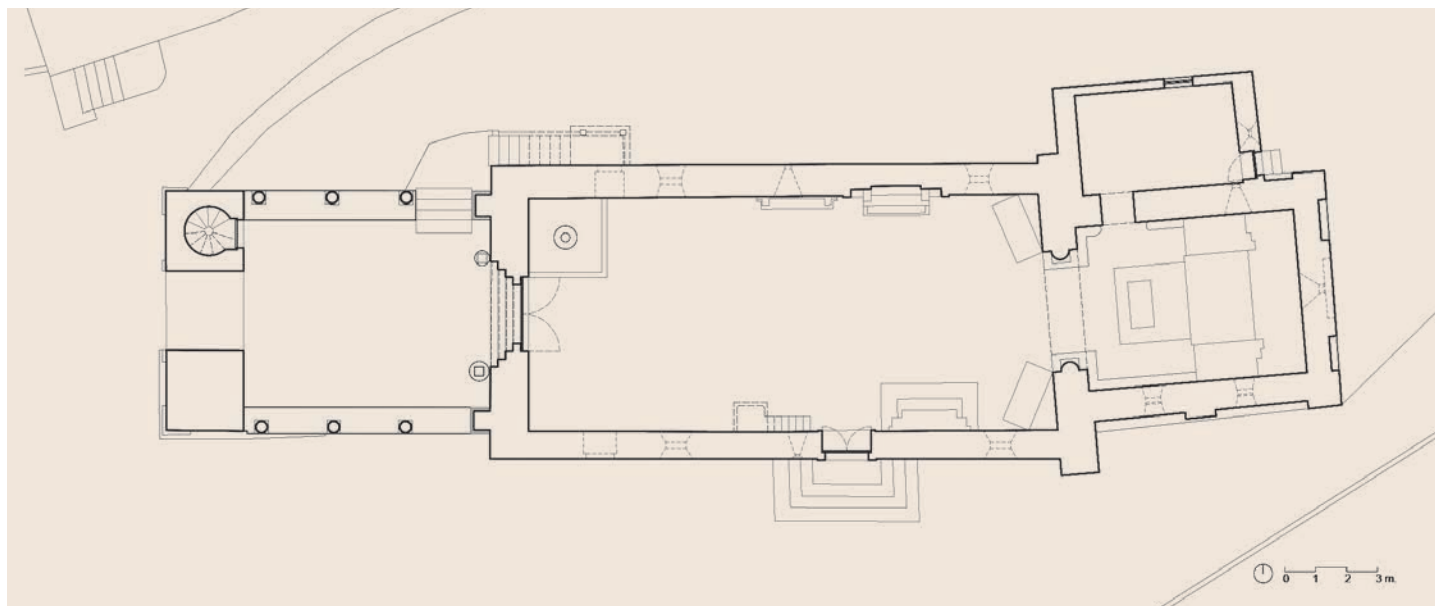
copiado no Censual do Cabido do Porto. Não obstante ter sido estabelecida no âmbito de um domínio monástico no contexto da Reconquista, a igreja de Santo André de Telões passou à condição de paroquial ainda durante a idade média. As Inquirições de D. Afonso II, em 1220, e D. Afonso III, em 1258, fazem alusão ao mosteiro de Telões, indicando que pertencia ao Julgado de Celorico de Basto. Porém, a situação parece ter-se alterado no decurso das seis décadas que medeiam entre esta última data e a

*Perspetiva aérea desde o lado ocidental*



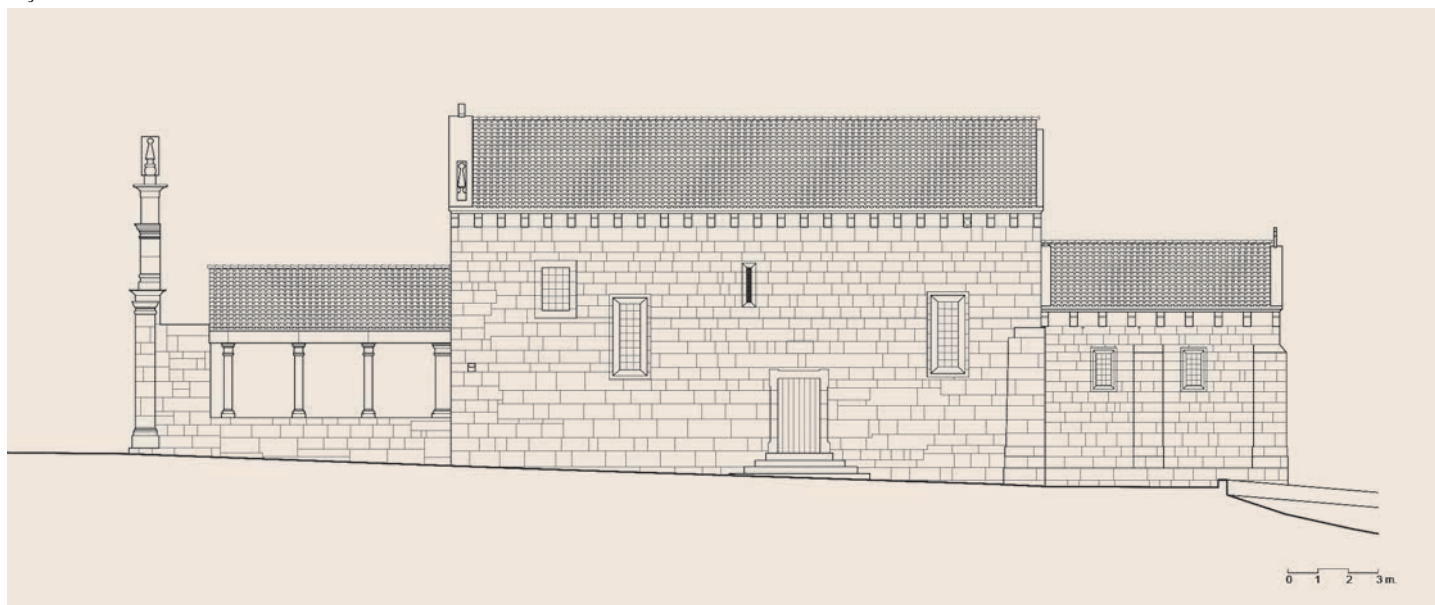
*Vista geral da igreja, da capela-mor e da sacristia, a partir do lado norte*





Planta

Alçado sul



decisão pontifícia de 1320, de afetar uma parte das rendas das igrejas do reino ao esforço da Cruzada. Neste último caso, os recebedores régios não registam, naquele ano, a existência de qualquer mosteiro em Telões limitando-se a anotar que a Igreja de "Toloes", que pertencia à Terra de Sousa, estava obrigada ao pagamento da avultada quantia de 1500 libras, reveladora da sua importância regional, apenas ultrapassada pelo Mosteiro do Travanca (1 800 libras). Isto não significa, no entanto, que as referências ao mosteiro, em Telões, tenham sido varridas das fontes, a partir de então. Com efeito, em meados do século XVI,

nos seus apontamentos sobre a *Geografia d'entre Douro e Minho e Trás-os-Montes*, João de Barros refere que *no conselho de Cerolico fica o Mosteiro de Toloins e o Mosteiro de Lordello, que não tem frades e val cada hu duzentos mil reis. São anexos a Guimarães.*

A ligação de Telões a Guimarães encontra-se formalmente confirmada desde, pelo menos, 1475. Craesbeek refere que foi por decisão testamentária do seu último prior, um outro João de Barros, que foi cónego de Guimarães, que a igreja passou para o domínio do Cabido. Registe-se ainda a nota do padre Torcato Peixoto de Azevedo, referente ao ano de 1692, segundo a qual pertencia ao Cabi-





Fachada oeste. Portal

do de Guimarães a apresentação da igreja de Santo André de Tolões, sem os priores, com as respetivas anexas. O mesmo acrescenta que o mosteiro pertencera à Ordem de Santo Agostinho e que esta o houvera de D. Mafalda, mulher de Afonso Henriques, encontrando-se a sua fundação ligada à iniciativa de *Rodrigo Forjaz, tronco dos Pereira, em 887* e que foi seu último comendatário o *devoto João de Barros, cónego da Sé de Braga [que] fez delle doação a Santa Maria de Guimarães em 1475*.

Desde meados do século XVI até ao século XIX, existem diversos livros de visitasões a Telões que permitem avaliar o espaço sacro da igreja de Santo André. As advertências dos visitadores vão, essencialmente, no sentido de dotar o templo de objetos litúrgicos e de reparar o espaço.

Segundo as Memórias Paroquiais de 1758, a igreja tinha cinco altares. No altar-mor veneravam-se as imagens do padroeiro e de São Pedro. Na freguesia havia ainda onze ermidas, onde acorria grande número de fiéis.

Mais tarde, no século XIX, executou-se na igreja de Santo André um sexto altar.

O templo apresenta-se orientado, sendo composto por corpo de nave única, quadrangular, e capela-mor, igualmente quadrangular, mais estreita e baixa do que aquela. Apresenta, anexa à capela-mor, do lado norte, uma pequena estrutura retangular e telhado de quatro águas, afeta às funções de sacristia e no extremo, voltada a poente, uma galilé quadrangular, sobre cujo portal, obra da época moderna, se eleva o campanário de dois registos, separados por friso e cornija.

A capela-mor é uma estrutura simples de aparelho pseudo-isódomo, construída em granito. Nela se destacam, na parede fundeira, rematada em empena, quatro contrafortes exteriores cuja elevação fica a um terço da altura total do paramento, sugerindo que, inicialmente, a estrutura poderá ter sido projetada para sustentar uma cobertura abobadada. Ao centro, uma fresta estreita rematada em arco, ao modo medieval. Observando atentamente, gravada num dos silhares, num círculo, pode ver-se uma figura humana de braços abertos. Em relação aos alçados laterais, norte e sul, refira-se que a cachorrada que suporta as cornijas se apresenta composta por peças lisas ou decoradas de um modo simples, com formas geométricas, facto que reforça a noção de estar-se perante uma construção tardia, fenómeno que ocorre na maior parte dos edifícios congéneres, que existem na região. O alçado do lado sul encontra-se rasgado por uma janela retangular, cuja abertura remonta à época moderna, em consonância com a sacristia, a norte.

Os muros da nave conservam, igualmente, testemunho de intervenção ou intervenções tardias. No alçado do lado sul constata-se a existência de dois janelões retangulares, situados à mesma elevação na parede, ladeando o portal de verga reta a que se acede por meio de quatro degraus. Por cima do dito portal, à esquerda, uma fresta com pequeno alargamento para o exterior e no enfiamento desta, outra janela quadrangular de menor dimensão do que as outras, da mesma época. Do lado oposto, a fachada norte da nave apresenta uma porta de verga reta a que

se acede por escadaria granítica e por onde se chegava ao antigo coro alto, demolido no decurso da intervenção da DGEMN, ocorrida em 1980. O paramento é ainda rasgado por duas janelas retangulares, além de uma pequena fresta idêntica à do alçado norte.

Na fachada oeste da igreja, confinante com a galilé da época moderna, destaca-se o portal axial composto por três arquivoltas, diretamente apoiadas nos pés-direitos do muro e de arco ligeiramente apontado, isento de ornamentação e sem colunas, expressão, segundo Maria Leonor Botelho e Nuno Resende, de um "românico de resistência". O tímpano é constituído por uma só peça, apresentando-se liso. As mísulas estriadas constituem o único elemento insculpido do conjunto. No alinhamento vertical do portal, sobre a galilé, observa-se uma rosácea de dimensões modestas, na qual se insere uma flor de seis pontas, outro indício de uma edificação tardia. No alinhamento da rosácea, do lado sul, um relógio inscrito na parede, em moldura pética.

O interior da igreja é dominado pelo granito dos silhares. A capela-mor apresenta cobertura em madeira, encontrando-se a parede fundeira totalmente oculta pelo

retábulo tardo-barroco de apontamentos neoclássicos. As paredes laterais foram profundamente intervencionadas no decurso da época moderna, como se constata pela janela de forma retangular que rasga a parede do lado sul e que, observada a partir do interior, revela ter sido aberta no lugar onde antes se encontrava uma fresta de tipo medieval, cujo arco ainda se conserva inscrito na espessura do muro, ao modo de cicatriz. Confrontante, persiste na parede norte, ou seja, do lado do Evangelho, a fresta românica e que abre para a sacristia.

O arco triunfal apresenta-se ligeiramente quebrado. É de duas arquivoltas, assentes sobre impostas, a interior suportada por colunas adossadas cujas bases esculpidas pousam em robustos socos de granito, os fustes são cilíndricos, talhados com precisão e encimados por capitéis decorados: o do lado do Evangelho, com folhas longas e recortadas, o do lado da Epístola, com esferas envolvidas por folhagem e cabeças nos ângulos.

Na parede fundeira da nave, do lado do Evangelho, um pouco acima do arco triunfal, observa-se o único vestígio que resta de um conjunto de frescos quinhentistas

*Vista da nave. Parede testeira da nave deixando entrever óculo por cima do arco triunfal e fresco alusivo à Natividade do lado norte*







Arco triunfal. Capitel do lado do Evangelho



Arco triunfal. Capitel do lado da Epístola

que, no passado devem ter preenchido os paramentos. Trata-se de uma *Natividade*, possivelmente, inscrita numa segunda camada, como defendem Paula Bessa e Joaquim Inácio Caetano.

A nave apresenta-se acentuadamente elevada em relação à cabeceira. É o que se pode constatar quando se observa a respetiva parede fundeira e nela a dimensão mais reduzida do arco triunfal, cuja altura corresponde, aproximadamente, a metade da elevação da dita parede, por cima do qual se abre um óculo circular, de diâmetro semelhante ao da fachada oeste. Em ambos os alçados da nave persistem frestas, de cada um dos lados, alargando para o interior.

A construção da atual igreja terá tido lugar um pouco antes de 1269. Esta data resulta do testamento do cônego da sé do Porto, Domingos Pais, que Maria do Rosário Morujão publicou em 2010, onde se refere a intenção que aquele tinha de deixar certas lâmpadas para a iluminação dos altares de São Lourenço e Santa Maria Madalena, que ali existiam. Trata-se de uma informação que corrobora a tese de Carlos Alberto Ferreira de Almeida que se pronuncia a favor de uma cronologia mais recente para o edifício, sugerida a partir de determinados aspetos e elementos estilísticos do arco triunfal, nomeadamente o carácter mais evoluído das bases bolbiformes das colunas, o aspeto tardio

das impostas e o modo como os temas vegetalistas, inscritos nos capitéis, se encontram unidos ao cesto. No mesmo sentido, de uma cronologia posterior ao século XII, importa referir que nas vizinhas regiões dos vales do Tâmega e do Sousa, o levantamento da maior parte dos edifícios românicos tem lugar no decurso do século XIII, correspondendo à reconstrução de templos que integravam antigos mosteiros instituídos no decurso dos séculos X ou XI.

Na parede fundeira da cabeceira, atrás do retábulo-mor, existe o que resta de um programa pictórico que, de acordo com Paula Bessa, devia alargar-se a todo aquele espaço compreendendo, ao centro, a imagem do orago, Santo André, da qual são ainda visíveis as aspas da cruz associada ao seu martírio, uma parte da túnica, azul e debruada a ouro, e os pés. O conjunto integra, ainda, a representação de um pavimento ladrilhado. Na sequência dos estudos que levou a cabo sobre a pintura mural desta igreja, a autora refere que os frescos da capela-mor de Telões têm, necessariamente, de ser anteriores a 1547: é o que resulta dos termos da visitação que então foi levada a cabo, às igrejas e mosteiros do Cabido de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, por determinação do arcebispo de Braga, D. Manuel de Sousa (1545-1550), onde se ordenou que se *acafelem e pinzelem muito bem a capella [mor] das pinturas pera daqui ate pascoa*.

A tradição aponta para a fundação de um cenóbio em Telões, em finais do século IX, posteriormente entregue aos Cónegos Regrantes por D. Afonso Henriques. A igreja românica terá sido edificada no século XIII, mas os vestígios desse período foram muito afetados na sequência das intervenções da época moderna. Em 2006, foram descobertas as pinturas murais da parede fundeira da nave e, a partir de 2010, a igreja de Santo André de Telões integra a Rota do Românico.

Texto: JL/MC - Fotos: RR - Planos: MF/MS (sobre RR/AI/FO/LT/TC)

### *Bibliografia*

ALMEIDA, C.A.F., 1978a, II, p. 273; AZEVEDO, T.P., 1845, p. 251; BARROS, J., 2019, p. 319; BESSA, P., 2007a, pp. 372-375; BOISSELLIER, S., 2012, p. 149; CAETANO, J.I., 2006-07, pp. 57-58; CENSUAL do Cabido da Sé do Porto, 1924, p. 4; COSTA, A.C., 1706-12, p. 45; MARQUES, J., 2000, pp. 154, 158; MEM. PAROQ. 1758 (2009), pp. 178-181; REAL, M.L., 2001a, p. 32; ROSAS, L.M.C. *et alii*, 2014a, pp. 219-237; SÃO TOMÁS, L., 1644-51, p. 89; SIPA; TEST. ECC. PORT., doc. n.º 7.5 (de [1269], agosto, 1).